

Reificação, repetição e tragédia algorítmica: a “arte IA” como sintoma do capitalismo tardio¹

Jerônimo Magni Bruschi²

Germano Bades Luiz Pedroso³

Roberto Henrique Amorim de Medeiros⁴

Resumo expandido

Com a inserção da Inteligência Artificial Generativa (GenAI) em posições de destaque dentre as produções culturais, nossa relação com a produção e experiência estética parece ter começado a mudar radicalmente. Inicialmente, era dito que os substituídos pela máquina seriam apenas os trabalhos repetitivos, de padrões mecânicos bem definidos, como os das linhas de montagem fabris. Hoje em dia, porém, com a substituição de “trabalhos criativos” – em especial, artísticos – pela GenAI, ao invés de dizer que a máquina conseguiu ultrapassar a repetição, torcemos a afirmação e a transformamos em pergunta: considerando a nova forma em que o capital se apresenta na cultura, não estaria o trabalho criativo imerso na repetição de um sempre-igual tingido de novidade? Trata-se, portanto, da necessidade de observar a historicidade da percepção a partir da produção técnica e

¹ Trabalho apresentado no GT1 “Regimes de verificação em tempos de IA” do IV Encontro Virtual da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura: Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial. Realização da UNIFAE, nos dias 20 e 21 de junho de 2024.

² Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: jeronimomagb@gmail.com.

³ Graduado em Filosofia pela UFSM, Graduado em Psicologia pela UFF e Mestrando da UFRGS no PPG Psicanálise: Clínica e Cultura. E-mail: germanoblp@id.uff.br.

⁴ Doutor em Educação pela UFRGS, Professor do Bacharelado em Saúde Coletiva e do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura, da UFRGS. E-mail: robertoamorim80@hotmail.com.

questionar-se sobre o que há de novo na “arte IA”, revelando, assim, os novos dilemas que se apresentam ao sujeito contemporâneo. Buscamos conectar pós-modernidade, estética, ideologia e psicanálise para analisar como a GenAI reflete os discursos nos quais estamos imersos no laço simbólico contemporâneo. Carregaria ela um potencial capaz de revolucionar o fazer artístico, ou sua novidade se volta aos meros reflexos de um capitalismo tardio – que, como caracteriza Mark Fisher (2020), não passa de um zumbi *kitsch* e estagnado? Adiantamos aqui: defendemos que a lógica em que a GenAI opera não é algo novo; que sua fragrância de novidade provém do mesmo perfume de progresso técnico que sempre pautou as relações capitalistas.

Para abrir esse espaço de crítica ao dominante cultural, nos aproximamos por algumas frentes diferentes, que serão tratadas neste resumo. Começando com a historicidade da percepção, tomamos em mãos o choque de Walter Benjamin (2017) e a noção de modernidade. Ora, seu desvelamento do moderno constitui-se justamente na justaposição entre a hiper-aceleração técnica e a incapacidade de usar tais avanços para tecer novas estruturas sociais. É no conflito entre essas diferentes forças históricas que se determina o ritmo de produção, e, logo, também as formas de se experienciar o sensível. O choque, para Benjamin, caracteriza as vivências de ruptura que o moderno carregava consigo nas suas ruas e fábricas aceleradas. Multidões, colisões, gritos, buzinas e flashes fotográficos tornavam-se parte de suas vidas; assim como a angústia claustrofóbica dos salões de máquinas e o terror de bombas caindo em seus telhados.

O proletariado urbano se via, assim, dominado pela vinda desse novo tempo: o tempo acelerado do capital e de suas novíssimas tecnologias. A partir dos choques, não poderia mais ser possível viver se não a exemplo das máquinas, cristalizando-as como um *ideal*: produtivas, automáticas, indiferentes e com pouca necessidade de manutenção. A submissão do trabalhador ao desnorante ritmo maquinico fez dele um autômato; seu corpo humano foi transformado em um corpo metálico, instrumental.

No contexto clínico e cultural da psicanálise, investiga-se o autômato como um objeto idealizado, de paixão e identificação. A linha de pesquisa “Paixão pelo Autômato” (Medeiros; Mano; Weinmann, 2015), criada por nosso grupo de pesquisa, procura traços dessa paixão como constituintes à prática clínica, às relações sociais, à estética e, claro, ao trabalho. Seria um erro, portanto, crer que apenas o artista poderia estar se tornando obsoleto ao mercado: seguindo a lógica reificante do capital – onde todo humano com quem nos relacionamos, mesmo na mais afetuosa interação, não é nada além de uma “coisa” mediada pela mercadoria e técnica –, toda relação social poderá ser facilmente substituída por linhas de código. É aqui que vemos como necessária uma exploração do conceito de reificação, o processo de coisificação da subjetividade imposto pelo capitalismo, de Theodor Adorno (1993).

É da mesma semente da máquina como figura idealizada que o fetichismo tecnológico contemporâneo (Novaes; Dagnino, 2022) toma forma, pregando a técnica (ou mesmo o humano-máquina) como o messias capaz de salvar-nos a todos. Configura-se, assim, o pilar prometeico do capitalismo atual defendido pelos *tech bros*⁵ para justificar que “uma reconfiguração estrutural da sociedade não é necessária, pois todos os nossos problemas serão resolvidos com mais inteligência artificial”. Para Benjamin (2012), a visão fascista é a visão de um progresso técnico neutro, incapaz de explorar suas próprias contradições. Os progressos técnico e estético, quando cegos ao próprio circuito fechado em que opera a mercadoria, apenas retomam o autômato ao fascismo – como o capital, são fins em si mesmo. Esse fetiche tecnológico é a repetição, o sempre-igual, o automatismo nas fábricas e na própria história.

⁵ Como observado por Deivison Faustino e Walter Lippold (2023), mencionamos os impulsionadores de uma “ideologia californiana”: liberais que usam ideias fetichizadas de desenvolvimento tecnológico como propaganda, como Elon Musk. Donna Haraway (2009) caracterizou esse tipo de figura com a seguinte citação: “pregadores ‘supersalvadores’ e fundamentalistas eletrônicos que celebram a união do capital eletrônico com deuses-fetiche automatizados” (p. 81).

Hoje, nosso modo de experienciar a estética, além de continuar mediado pela mercadoria, também apresenta uma produção completamente submetida à Indústria Cultural – nódulo central de organização da própria linguagem e lógica do capital. Como caracteriza Vladimir Safatle (2022): “Não haveria integração social ao capitalismo sem a integração psíquica produzida pela restrição dos usos da linguagem às formas avalizadas por uma junção em plena ascensão entre cultura e produção industrial” (p. 17). No contexto da pós-modernidade, para Fredric Jameson (1997), a Indústria Cultural opera em seu ápice. Longe de analisar o pós-moderno como uma mera postura pessoal – apenas mais uma opção estilística do arsenal individual do artista – Jameson o afirma como a forma pela qual a estrutura social do capital se projeta na produção cultural; como a reprodução de um discurso que atinge a todos que estão imersos no mundo ocidental-capitalista, delimitando os estilos e possibilidades de imaginação da produção e experiência. Há, aqui, a transformação de toda a vida econômica, social, – e, portanto, também psíquica –, em produção estética, midiática, artística, etc. Nessa nova sociedade, o valor de troca marxiano esmaga o valor de uso; a utilidade da nova mercadoria exhibe sua inutilidade ao consumidor, e basta que sua imagem brilhe suficientemente nos telões para enfeitiçá-lo.

O processo de rompimento de fronteiras entre estética e mercado nos escancara seus sintomas. Um deles é o simulacro: cópias sem originais reproduzidas sem cessar. Industrialmente, palavras e histórias surgem onde nunca existiram – não como enganações, mas como criações de verdade. Para Baudrillard (1991), a imagem do mundo – previamente ancorada em pontos centrais onde se encontrava um conceito bem delimitado de “realidade” (com toda a tradição metafísica que a circunda) – foi ultrapassada e invadida pela ficção. Na medida em que nossas representações do real sempre escapam de nossa possibilidade de representá-lo em sua totalidade, uma “hiper-realidade” acaba por estruturar os mundos em que vivemos através dos meios de comunicação. A lógica em que a GenAI opera é a mesma: seus simulacros invadem cenários que não estávamos acostumados a ver,

desafiando posições de “real” e “verdade” tanto na arte quanto na produção científica. É fácil se deparar com a pergunta: esse vídeo é real ou IA? Ora, não é mais necessário ser um especialista para criar mídias capazes de destruir reputações, ganhar concursos de arte ou eleições – qualquer um pode fazê-lo, e é nisso que a cultura hiper-real encontra a tecnologia perfeita para sua contínua realização.

Para Jameson (1997), sustentado pelo simulacro, o pastiche se insere na indústria cultural falando através da autenticidade de outros já enterrados. Não há mais opção de criar sem ser a partir da cópia, a partir da própria quebra da “norma” feita por outras mãos. A “retromania” se apresenta: um sentimento de nostalgia da indústria e de seus consumidores expressa pela constante recriação de estilos passados em obras de entretenimento (Reynolds, 2011). Esta é a onipresença do pastiche: o único jeito da tão aclamada “originalidade” revelar-se ao público é com a permutação de traços alheios, de obras consumidas nos últimos tempos. Essa é a mesma lógica dos modelos LLM, apontados como “papagaios estocásticos” (Bender *et al*, 2021) por serem incapazes de compreender sentido, algo além dos arranjos estatísticos de previsão da próxima palavra. Suas limitações estão justamente na impossibilidade de fugir do senso comum – nos atrevemos, pois, a apelidar a GenAI de um senso comum reificado, algorítmico, ou, como Adorno (1985) chama a ideologia, de “profeta irrefutável da ordem do existente” (p. 122). A GenAI, que, estruturalmente, só é capaz de repetir o sempre-igual, reafirma ciclicamente o senso comum obtido em suas *databases* através do treinamento por subempregados terceirizados e do uso dessas mesmas reafirmações para se autorregular. Ela é, portanto, ridiculamente eficiente aos objetivos da Indústria Cultural. Seus efeitos podem ser vistos, por exemplo, na emblemática greve dos atores e roteiristas de Hollywood em 2023, que teve a GenAI como um de seus pontos centrais – mais especificamente, a hiper-eficiência de sua produção ao consumo cada vez mais excessivo de mídias culturais. A principal representante da indústria da criatividade mundial substitui seus artistas por algoritmos – agora não mais

metaforicamente em forma de autômatos. Vemos, com isso, que a criatividade e imaginação expressas pelas mãos de carne – tão romantizadas como atributos sublimes – estão defasadas para a lógica do capital.

Assim, a Inteligência Artificial Generativa nos confronta com uma verdade que rasteja silenciosamente sob nossos pés: a de que a indústria midiática não atua para além da repetição – e, portanto, está tão passível a ser substituída pelo trabalho maquínico quanto qualquer outra fábrica com trabalhadores precarizados submetidos à maquinização. Reduzir a indústria artística à lógica algorítmica é apenas o próximo passo lógico, deixando-a para repetir os mesmos pastiches de pastiches. O mais surpreendente é pensar que o mesmo ocorre em nossas relações sociais reificadas, mediadas pela lógica mercadológica, produtivista e automática; não seria surpresa, pois, observar a contínua derrocada, cada vez mais intensa, do contato com o Outro. No fim, acreditamos que a GenAI não implica em qualquer rompimento para com o campo estético, pois toda a lógica que nela se faz presente já existia previamente – e é precisamente nessa sua conformidade radical e na sua reafirmação às crescentes demandas de uma sociedade pautada na mercadoria que se configura a tragédia da técnica.

Palavras-chave

Pós-modernismo; Inteligência Artificial Generativa; Teoria crítica; Psicanálise; Estética.

Referências

ADORNO, T.W. **Minima moralia**: reflexões a partir da vida danificada. Tradução: Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1993



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antônio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação**. Tradução: Maria João da Costa Pereira. Santa Maria da Feira: Relógio d'água, 1991.

BENDER, E. *et al.* On the dangers of stochastic parrots: can language models be too big? **FAccT '21: Proceedings of the 2021 ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency**, p. 610–623, 1 mar. 2021.

BENJAMIN, W. **Baudelaire e a modernidade**. Tradução: João Barrento. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BENJAMIN, W. **O anjo da história**. Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FAUSTINO, W.; LIPPOLD, W. **Colonialismo Digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023.

FISHER, M. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Tradução: Rodrigo Gonçalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. 1. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue. *In*: TADEU, T. (org). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

JAMESON, F. **Pós-Modernismo**: A lógica cultural do capitalismo tardio. Tradução: Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Editora Ática, 1997.

REYNOLDS, S. **Retromania**: pop culture's addiction to its own past. Londres: Faber, 2011.

SAFATLE, V. **Em um com o impulso**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

MEDEIROS, R.; MANO, G.; WEINMANN, A. A paixão pelo autômato: a clínica para o cuidado em saúde no templo da tecnologia. **Physis**, v. 25, n. 1, p. 251–263, 1 mar. 2015.

NOVAES, H. T.; DAGNINO, R. **O fetiche da tecnologia**. Revista ORG & DEMO, v. 5, n. 2, p. 189–210, 2022.